PSICOPATOLOGIA DO JUDAÍSMO

Hervé RYSSEN

Outono de 2007
Traduzido do francês por John de Nugent

O judaísmo não é meramente uma "religião", visto que muitos judeus são ateus ou agnósticos declarados, e não se consideram menos judeus por isso. O judaísmo também não é uma raça, mesmo que seja verdade que um "olho treinado", na maioria das vezes, pode reconhecer uma aparência judaica, ou seja, um padrão característico que é resultado de sua estrita observância da endogamia por séculos. Os judeus se consideram os "escolhidos" de Deus, e o casamento fora da comunidade é estritamente desaprovado. No entanto, casamentos mistos existem e também ajudaram a renovar o sangue de Israel durante todos os séculos passados nos vários guetos onde os judeus preferiam viver, separadamente e à parte do resto da população. A condição essencial para tais casamentos mistos é que a mãe seja judia, visto que os rabinos ortodoxos reconhecem como judia apenas a criança nascida de mãe judia. No entanto, ter apenas um pai ou avô judeu pode ser suficiente para que uma pessoa se identifique completamente com o judaísmo. O judaísmo é portanto, uma "raça mental" que foi moldada ao longo dos séculos pela religião hebraica e pelo projeto universalista do judaísmo.

O JUDAÍSMO É UM PROJETO POLÍTICO

O judaísmo é essencialmente um projeto político. É importante que os judeus trabalhem para o surgimento de um mundo em "paz", uma paz que se pretende universal e permanente. Portanto, não é coincidência que a palavra "paz" (shalom em hebraico) seja encontrada com frequência no discurso judaico em todo o mundo. No mundo perfeito que eles estão construindo, todos os conflitos desaparecerão entre as nações.

É por isso que os judeus têm militado incansavelmente há muitos anos pela abolição de todas as fronteiras, pela dissolução das identidades nacionais e pelo estabelecimento de um império global de "paz". A própria existência de nações separadas é considerada responsável pelo desencadeamento de guerras e turbulências. Portanto, elas devem ser enfraquecidas e,

eventualmente, substituídas por um governo mundial, um "governo mundial único", uma "Nova Ordem Mundial", uma única autoridade governante mundial que permitirá que a felicidade e a prosperidade reinem, ao estilo judaico, na Terra.

Encontramos essa ideia mais ou menos desenvolvida tanto nos escritos de certos marxistas intelectuais, como o próprio Karl Marx e o filósofo judeu-francês Jacques Derrida, quanto no discurso de pensadores liberais como Karl Popper, Milton Friedman e o francês Alain Minc. A ideia é unificar o mundo por todos os meios necessários e gerar conflitos culturais que enfraquecerão os Estados-nação. É por este Mundo Único que os intelectuais judeus trabalham incansavelmente em todo o mundo. Sejam eles de esquerda ou de direita, liberais ou marxistas, crentes ou ateus, eles são os mais fervorosos propagandistas da sociedade pluralista e da miscigenação universal, isto é, da mistura racial.

Assim, com todas as suas forças, os judeus – basicamente, TODOS os judeus que se manifestam no mundo – incentivam a imigração de pessoas não brancas para todos os países em que estão, não apenas porque a sociedade multicultural é seu objetivo político fundamental, mas também porque a desintegração da identidade nacional em cada nação e a presença maciça de imigrantes antibrancos visam impedir que a população branca original tenha sucesso em quaisquer explosões nacionalistas contra a influência judaica sobre as finanças, a política e a mídia. Todos os intelectuais judeus, sem exceção, estão focados nesta questão da construção da "sociedade pluralista" e, para isso, praticam constante "vigilância contra o racismo". Na França, escritores e jornalistas influentes como Bernard-Henri Lévy, Jacques Attali, Jean Daniel, Guy Sorman e Guy Konopniki concordam com o pluralismo e o antirracismo, apesar de suas divergências políticas em outras áreas. Essa obsessão, muito característica do judaísmo, também se manifesta no cinema, onde muitos produtores e diretores são judeus influentes. Assim que um filme começa a defender e promover a miscigenação, a "tolerância" e o pluralismo, podemos ter certeza de que seu produtor é judeu.

Agora podemos entender melhor por que os ex-comunistas e esquerdistas da década de 1970 não precisaram dar um salto tão grande para se tornarem os "neoconservadores" de hoje. Eles simplesmente adotaram uma estratégia diferente para atingir o mesmo objetivo: o governo de judeus racialmente puros sobre uma sociedade racialmente mista.

O fato é que, após o início da Intifada Palestina em outubro de 2000, os judeus na França e no resto do mundo ocidental perceberam que, hoje em dia, o perigo para seus interesses e seu projeto vem principalmente do Islã e dos jovens imigrantes africanos, tanto árabes quanto negros. Seu objetivo é fortalecer a sociedade moderna de miscigenação e miscigenação, para a qual tanto contribuíram em nosso país, a França. Mas esse mosaico agora ameaça se fragmentar em comunidades separadas, e isso os judeus não querem. Eles não querem identidades separadas ou separação alguma, exceto uma identidade judaica separada e uma separação judaica. Ex-marxistas na França, como Alexandre Adler, André Glucksmann e Pascal Bruckner, apoiam hoje, juntamente com Alain Finkielkraut, o partido de direita, pró-Washington e pró-sionista de Nicolas Sarkozy. E, no entanto, eles não se tornaram patriotas franceses. Eles reagem apenas em benefício exclusivo dos judeus, perguntando, como os judeus americanos proverbialmente fazem em todas as questões: "Isso é bom para os judeus?"

“TOLERÂNCIA” COMO ARMA

Os membros da seita judaica são o povo mais proselitista da Terra, mas, ao contrário de cristãos ou muçulmanos, que sonham em converter todos os povos de todas as raças à sua fé, os judeus não têm planos de converter o mundo à sua própria fé, o judaísmo, mas simplesmente encorajar outras nacionalidades a renunciar às suas identidades nacionais e religiosas – e viver apenas pelo objetivo da "tolerância". As incessantes campanhas para culpar todos os brancos pela escravidão, pelo colonialismo, pela saque do Terceiro Mundo ou por Auschwitz não têm outro propósito senão colocar o oponente na defensiva e colocá-lo de joelhos não pela violência, mas pela culpa. Quando os judeus forem o único povo restante na Terra mantendo sua fé e suas tradições, eles finalmente serão reconhecidos por todos como o "povo escolhido" de Deus.

Sua "missão" (e os judeus frequentemente usam esse termo "missão") é desarmar os outros povos, dissolver tudo o que não seja judeu ou controlado por judeus, reduzir o povo a pó para criar uma nova força de trabalho sem identidade, e assim favorecer uma

"paz" universal entre os povos que não têm mais identidades "divisivas".

Como disse seu profeta Isaías: "O lobo morará com o cordeiro, o tigre repousará com o cabrito, o leão e o carneiro viverão juntos, e uma criança os guiará" (Isaías 11:6-9). O Messias, vindo de Israel e aguardado por três mil anos, estabelecerá novamente o reino de Davi e dará aos judeus um império sobre toda a terra. E certos textos judaicos exigirão isso explicitamente.

Os judeus são, portanto, continuamente encorajados a fazer campanha, em qualquer sociedade em que habitem, a fim de promover a unificação do mundo – e, assim, também acelerar a chegada de seu prometido e querido Messias. Propaganda
é uma especialidade judaica, e não é coincidência que os judeus se tornem tão influentes em toda a mídia. Em suas mãos, os conceitos de "tolerância" e "direitos humanos" tornaram-se armas incrivelmente eficientes de culpa e acusação contra a cultura majoritária. Na verdade, não é por nomes que soam judaicos ou pela aparência física judaica que podemos melhor reconhecer os judeus, mas sim pelo que eles escrevem e dizem onde quer que estejam na Terra.

AMNESIA SELETIVA E FABULAÇÃO

Muitos judeus, como sabemos, desempenharam um papel absolutamente enorme na tragédia soviética de 1917-1991 e nos trinta milhões de mortes que marcaram essa era. Lembremos que Karl Marx nasceu em uma família judia e que o próprio Lenin tinha um avô materno judeu, que Leon Trotsky, o fundador bolchevique e chefe do Exército Vermelho, nasceu Bronstein, enquanto Kamenev (nome verdadeiro: Rosenfeld) e Zinoviev (nome verdadeiro: Apfelbaum) governavam as duas capitais conquistadas pelos bolcheviques, Moscou e São Petersburgo. Mas a lista de judeus que se destacaram nos megacrimes do comunismo é interminável. É preciso dizer e repetir: autoridades e torturadores judeus tiveram uma responsabilidade muito pesada nessa tragédia. O mundo "perfeito" que eles criaram e que supostamente era "historicamente inevitável" acabou se tornando, desde o início, um pesadelo para a população russa. Foi somente em 1948 que a elite intelectual judaica começou a se distanciar do governo stalinista, e isso ocorreu apenas porque Stalin havia lançado sua campanha "antsionista", destinada a expurgar judeus pró-Israel de altos cargos de liderança.

Essa indiscutível culpa judaica pelos crimes gigantescos do bolchevismo está agora sendo sistematicamente empurrada para o Buraco da Memória (a frase de "1984", de George Orwell). No livro de Alexander Solzhenitsyn, "Dois Séculos Juntos", de 2002, o ganhador do Prêmio Nobel e veterano de 11 anos do gulag bolchevique expressa indignação pelo fato de os intelectuais judeus ainda se recusarem a reconhecer sua responsabilidade étnica no massacre de milhões de cristãos. Solzhenitsyn também denuncia os judeus modernos que se apresentam como vítimas de um governo bolchevique "antissemita", quando esse governo era, na verdade, fortemente judeu e os judeus estavam entre os piores perpetradores. Essa amnésia seletiva é necessária para um povo que proclama incessantemente sua "inocência" de quaisquer atos provocativos, como observamos regularmente em seus escritos, por exemplo, em um editorial da revista Israel de abril de 2003, "a primeira revista mensal israelense em língua francesa", escrita sob o nome de um certo André Darmon.

Ele escreveu: "Matar um judeu ou uma criança faz Deus chorar, pois estamos
exterminando [no judeu] o portador da ética e da inocência universais."

Nada menos!

Com essa mentalidade de inocência absoluta, os judeus não conseguem conceber qualquer responsabilidade por suas atrocidades. Os judeus são apenas vítimas, apenas "bodes expiatórios" em um mundo maligno e hostil. Mas muito em breve o Messias punirá os "perversos" e restaurará os filhos vitimizados de Israel a seus plenos direitos.

No entanto, neste mesmo editorial da revista Israel, um certo Frederick Stroussi afirmou que o governo nazista era pior que o regime de Stalin. Ele citou as crueldades que alegou terem sido perpetradas por certos homens da SS. Por exemplo, aprendemos com Stroussi que o hobby do homem da SS letão, Cukur, era atirar bebês judeus para o alto para atirar em suas cabeças, como no tiro ao prato. Ele também escreve sobre outros episódios, como o estupro de crianças pela SS antes de matá-las. A Segunda Guerra Mundial certamente estimulou a fértil imaginação dos filhos de Israel.

Ou talvez essa imaginação seja mais uma vez um caso da própria síndrome de "projeção" dos judeus, isto é, acusar os outros sistematicamente dos próprios crimes como uma questão de política de relações públicas consistente: sempre atacar. Sabemos, de fato — mesmo que a mídia nunca fale sobre isso — que muitos judeus e seus rabinos estão envolvidos no crime de pedofilia (ver Psychanalyse du Judaisme,
2007).

E assassinar uma criança parece ser mais uma especialidade judaica do que uma característica da mentalidade da SS. As revelações do professor titular Ariel Toaff da Universidade Bar Eilan, em Israel — filho do ex-Grande Rabino de Roma — e reforçadas em fevereiro de 2007 por sua obra acadêmica de 147 páginas, repleta de notas de rodapé, Pasqua di Sangue [= “Páscoa de Sangue] — revelam provas de assassinato ritual entre alguns judeus asquenazes (judeus de origem do Leste Europeu).

FRAGILIDADE EMOCIONAL

Nós, estrangeiros, devemos, portanto, compreender que o sofrimento dos judeus não pode ser comparado ao de quaisquer outros. Como consequência, devemos ficar tão indignados quanto eles quando um historiador sério como Stephane Courtois afirma (no prefácio de seu famoso Livro Negro do Comunismo): “A morte de uma criança ucraniana de origem kulak [da classe camponesa independente] que é deliberadamente forçada a morrer de fome pelo governo stalinista é tão significativa quanto a morte de uma criança judia no gueto de Varsóvia.” Essas simples palavras foram suficientes para provocar a ira de Frederic Stroussi, que se declara “atordoado” com tal afronta. Tal observação, segundo ele, era “desprezível” e representava um ataque vulgar contra Israel: “O que essa comparação tem a ver aqui?”, escreve ele. “Por que precisamos usar o massacre de uma criança judia para transmitir esse rumor subjacente, falso e odioso de que os judeus ofuscam todas as outras vítimas do totalitarismo e monopolizam toda a atenção para si mesmos?”

O autor do artigo, como podemos notar, reage de forma indignada e totalmente
desproporcional às intenções modestas e certamente justificadas do sensato historiador Stephane Courtois. Stroussi demonstra aqui a “grande intolerância à frustração” tão característica do intelectual judeu. Tais reações claramente não são “normais”.

Observamos que a Israel Magazine é uma revista mensal destinada à comunidade judaica e que, consequentemente, dificilmente se pode acusar Frederick
Sroussi de mentir para leitores goyes ou de esconder dos goyes a verdadeira natureza do bolchevismo e a suposta crueldade maléfica da SS. Seu discurso aqui não corresponde a nenhuma falsa dialética, como afirmam os antissemitas, mas aqui, nesta revista por e para judeus, ele reflete, como um judeu entre judeus, escrevendo
aos judeus, a própria essência de suas almas: 1) Somos sempre inocentes – e 2) Vidas
judaicas são mais valiosas do que as dos outros.

Há um "antissemitismo de ataque" que decorre da incapacidade de compreender a identidade judaica e só vê perfídia deliberada onde, na realidade, há uma genuína ansiedade existencial, gerada por uma profunda disfunção psicológica.

POVOS HISTÉRICOS

Os judeus nunca ousaram se aproximar coletivamente do espelho de suas vidas interiores representado pela psicanálise freudiana, um prisma através do qual os judeus afirmam ver toda a humanidade, mas que, em uma análise mais aprofundada, lança muito mais luz sobre as neuroses específicas do judaísmo. A psicanálise, como o marxismo, é uma “ciência judaica” e um produto da mente judaica. Portanto, era lógico perguntar-se como essa “descoberta” freudiana corresponde às especificidades judaicas.

A resposta não era inicialmente óbvia para o autor, e foi necessária a leitura e a análise de centenas de livros de todos os tipos, a maioria escritos pelos próprios judeus, para que ele percebesse que a questão pungente do incesto está no cerne pulsante da questão judaica, e não teoricamente.

As mães judias amam seus filhos, como é bem sabido, mas o incesto puro e simples está na origem de uma doença mental bem conhecida – que aflige especialmente os judeus – chamada "histeria". O incesto atraiu a atenção de Freud desde o início, enquanto ele desenvolvia suas teorias. Os paralelos entre o judaísmo e a patologia histérica são bastante naturais. O judaísmo é bem conhecido por estas síndromes: histeria, depressão,

introspecção, amnésia, manipulação, mentira patológica, identidade ambivalente, engano profético, ambiguidade sexual e assim por diante. Todos os sintomas judaicos são encontrados na histeria. Freud, como judeu leal, apenas projetou os traços de uma comunidade específica no restante da humanidade. Na realidade, não existe um "complexo de Édipo", mas sim um complexo de Israel (todos os judeus juntos, tecnicamente, são Israel, não apenas o estado do Oriente Próximo). De fato, os judeus não parecem realmente querer discutir o tema do incesto em suas famílias. Por outro lado, todos os psiquiatras mencionam: “A mulher histérica deseja tanto um filho de seu pai ou de seu médico que ela consegue se convencer de que está grávida de um deles e, assim, desenvolve uma 'gravidez nervosa'.”

É interessante que todos os escritores judeus usem o mesmo termo para se referir à vinda de seu Messias, ou seja, o "parto" do Messias. Toda a comunidade judaica, devemos entender, é "a esposa de Deus" (a Shekhina do Cabalista) que um dia supostamente dará à luz o Messias, e, portanto, todo o judaísmo está de fato sofrendo de uma "gravidez nervosa" não muito diferente daquela encontrada em mulheres nervosas e histéricas.

Karl Kraus, o jornalista judeu austríaco que não concordava com Freud, escreveu sarcasticamente: “A psicanálise é a doença mental da qual ela afirma ser a cura”. Mas a fórmula certa e melhor pode ser resumida em dez palavras: “O judaísmo é a doença que a psicanálise pretende curar.”

A REVOLUÇÃO SEXUAL

Depois de Freud, surgiram outros pensadores judeus que produziram uma simbiose entre a doutrina freudiana e o marxismo. Wilhelm Reich e Herbert Marcuse pregaram a revolução sexual para desmantelar a família patriarcal e libertar o "sexo livre". Suas teorias inspiraram amplamente os protestos estudantis de Maio de 68. A década de 1970 viu uma nova onda de freudomarxismo e as mulheres judias estavam
na vanguarda (como Gisele Halimi e Elisabeth Badinter na França e Bella Abzug, Betty Friedan e Gloria Steinem nos EUA). Com o passar do tempo, uma série de leis de inspiração judaica surgiram, uma após a outra, destinadas a dissolver a família. Na França, uma lei promovida por Neuwirth legalizou a pílula anticoncepcional (1967), depois veio o desafio à autoridade do pai como chefe da família (1970), depois o divórcio por consentimento mútuo (1974) e

o "direito" ao aborto promovido pela "sobrevivente do Holocausto" Simone Veil (1975). Uma grande onda de filmes pornográficos acompanhou essa "libertação" dos valores familiares tradicionais. Aqui somos obrigados a observar que produtores e diretores de cinema judeus desempenham um papel muito importante na indústria de filmes eróticos. (Veja meu livro La Mafia Juive [= "A Máfia Judaica"], 400 páginas, 2008). Paralelamente a isso, o conceito freudiano de bissexualidade favoreceu a aceitação do "orgulho gay" e da homossexualidade explícitos.

UMA MÁQUINA DE GUERRA CONTRA A HUMANIDADE

De fato, o único resultado tangível dessa "libertação" moral foi a desmoralização e criminalização sistemáticas do homem branco, que é incansavelmente denunciado no cinema, na literatura e na história como a causa de todos os males do planeta e do colapso do Ocidente. O apelo do igualitarismo — como pretendido pelos judeus — tende a nivelar todas as diferenças e identidades étnicas e provoca sua lenta destruição.

Yitzhak Attia, diretor de seminários em língua francesa no Instituto Yad Vashem do Holocausto em Tel Aviv, escreveu o mesmo na mesma edição da revista Israel: "Mesmo que a razão nos diga, até mesmo grite com toda a sua força, o absurdo
deste confronto entre o pequeno e insignificante povo de Israel [ou seja, todos os judeus do mundo, não apenas o "Estado de Israel"] e o resto da humanidade... por mais absurdo, incoerente e monstruoso que pareça, estamos envolvidos em um combate acirrado entre Israel e as Nações – e ele só pode ser genocida e total porque se trata de nossas identidades e das deles." Você leu certo: entre o povo judeu e o resto da humanidade, a luta só pode ser "genocida e total". A "paz" que Israel pretende conferir não é nada mais nem menos que "genocídio", a garantia para a execução de toda a humanidade – exceto daqueles que têm permissão para viver como escravos sem cultura.

A NEUTRALIZAÇÃO DO DIABO

A questão é se a agressividade do judaísmo pode ser neutralizada para salvar a humanidade de seus males, males que podem se revelar ainda mais graves do que o marxismo, como a psicanálise e a ideologia do globalismo. Em primeiro lugar, devemos encarar os fatos: “Após todos esses séculos de

incompreensão mútua, os cristãos antissemitas, os muçulmanos e Hitler falharam em resolver a questão judaica.

O fato é que os judeus se alimentam e crescem a partir do ódio que geraram entre todos os povos deste mundo. Esse ódio, é preciso dizer, é vital para sua sobrevivência e para sua genética espiritual. Ele lhes permitiu por muitos séculos cerrar fileiras dentro de sua comunidade contra um inimigo externo, enquanto outras civilizações desapareceram.

Por sua vez, os rabinos não poupam esforços para manter seu patrimônio genético judeu.

E assim, mesmo um judeu renegado permanece judeu e, portanto, é perfeitamente inútil tentar deixar a comunidade judaica prisional. O judaísmo é de fato uma prisão.

Afirmar que um judeu jamais pode deixar de ser judeu favorece a sobrevivência do judaísmo.

Nossa missão deve ser acolher esses doentes entre nós, porque os judeus não são um povo "pérfido" como tanto quanto são pessoas doentes a serem curadas.

Os judeus devem ser amados individual e sinceramente para libertá-los da prisão em que estão presos. Só então eles se libertarão das garras do culto – e da ameaça que representam para si mesmos e para toda a humanidade.

Só então nos libertaremos dessas garras e, ao mesmo tempo, eles se libertarão do mal dentro deles que ameaça toda a humanidade.

***